

## VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA NA GUERRA DO PARAGUAI: A EPOPEIA DO 17º CORPO DE MINAS GERAIS \*

Antônio Claret Soares Sabioni\*\*

**Resumo:** Durante a Guerra do Paraguai, o 17º Corpo de Voluntários da Pátria, da Província de Minas Gerais, integrou a Força Expedicionária que operou no sul de Mato Grosso, então invadida pelos paraguaios, e foi um dos protagonistas do episódio épico narrado por Alfredo d'Escagnolle Taunay em sua famosa obra literária *A Retirada da Laguna*. Neste ano, que marca o 150º aniversário da operação de guerra denominada de a Retirada da Laguna, uma das páginas mais gloriosas da História Militar do Brasil, é oportuno revisitar a história do 17º Corpo de Voluntários da Pátria. O presente estudo tem esse propósito e trata dos vários aspectos humanos e militares deste Corpo de Voluntários, desde o recrutamento, passando por sua formação e trajetória na campanha, até o seu destino final no período pós-guerra. O estudo mostra que o 17º Corpo de Voluntários esteve mobilizado durante toda a guerra, participou da Campanha do Mato Grosso e, mais tarde, integrou-se às forças comandadas pelo Conde d'Eu no Paraguai, mas, sobretudo, entrou para a História Militar pelos exemplos de disciplina, bravura, obstinação, resignação e superação em situações excepcionais, durante a Retirada da Laguna.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai. 17º Corpo de Voluntários da Pátria. Minas Gerais.

**Abstract:** During the Paraguayan War, the 17th Fatherland Volunteer Corps, of the Province of Minas Gerais, integrated the Expeditionary Force that operated in the south of Mato Grosso, then invaded by the Paraguayans, and was one of the protagonists of the epic episode narrated by Alfredo d'Escagnolle Taunay in his famous literary work *A Retirada da Laguna* (The Retreat from Laguna). In this year, that marks the 150th anniversary of the war operation called the *Retirada da Laguna*, one of the most glorious pages of the Brazilian Military History, it is opportune to revisit the history of the 17th Fatherland Volunteer Corps. The present study has this purpose and deals with the various human and military aspects of this Volunteer Corps, from recruiting, through its formation and trajectory in the campaign, to its final destination in the post-war period. The study shows that the 17th Fatherland Volunteer Corps was mobilized throughout the war, participated in the Mato Grosso Campaign, and later became part of the forces commanded by Count d'Eu in Paraguay, but above all, it entered the Military History by the examples of discipline, bravery, obstinacy, resignation and overcoming in exceptional situations, during the *Retirada da Laguna*.

**Keywords:** Paraguayan War. 17th Fatherland Volunteer Corps. Minas Gerais.

---

\*Artigo apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História Militar. Orientador: Prof. Carlos Roberto Carvalho Daróz. Ouro Preto, 26 de Setembro de 2017.

\*\* Acadêmico do Curso de Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina. Endereço eletrônico: claret.sabioni@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao ser deflagrada a Guerra do Paraguai, em 13 de dezembro de 1864, o Brasil não estava preparado para enfrentar o exército paraguaio. De acordo com Jourdan, o efetivo do exército brasileiro era de 16.800 homens espalhados pelo território nacional, enquanto que o exército paraguaio tinha em armas 28.000 homens veteranos e 64.000 homens de milícias ou reservas em diversos acampamentos.<sup>1</sup> Dado esse desequilíbrio de forças, o Governo Imperial do Brasil publicou o Decreto N° 3.371, de 7 de janeiro de 1865, que criava para o serviço de guerra em circunstâncias extraordinárias os Corpos de Voluntários da Pátria.<sup>2</sup> O próprio Imperador D. Pedro II alistou-se como o Primeiro Voluntário da Pátria. Coube aos Presidentes das Províncias do Império providenciar o recrutamento dos voluntários. Muitos brasileiros passaram a se alistar espontaneamente não só pelas vantagens oferecidas pelo Decreto N° 3.371, mas também como resposta ao clamor patriótico que varria o país devido à invasão do Mato Grosso.

Atendendo ao Decreto N° 3.371, Minas Gerais, então a Província mais populosa do Império, criou três Corpos de Voluntários da Pátria. Em Ouro Preto, capital da Província, foram criados dois batalhões designados de 17° e 18° Corpos de Voluntários e, em Uberaba, foi criado o terceiro batalhão designado de 27° Corpo.<sup>3</sup> O 17° Corpo de Voluntários da Pátria integrou a Força Expedicionária que operou no sul do Mato Grosso, então invadido pelos paraguaios, tendo sido um dos protagonistas de uma epopéia que teve um de seus episódios imortalizado na célebre obra *A Retirada da Laguna* de Alfredo d'Escragolle Taunay.<sup>4</sup> Dos 57 Corpos de Voluntários criados pelo Império, apenas 19 retornaram ao Brasil após a guerra, sendo o 17° Corpo um deles. O 18° Corpo de Voluntários da Pátria marchou de Ouro Preto para a Corte e daí para a região platina, tendo participado de diversas batalhas no Paraguai. De acordo com a imprensa<sup>5</sup> da época, este Corpo de Voluntários distinguiu-se pela disciplina, bravura e heroísmo de seus combatentes.<sup>6</sup> O 18° Corpo foi extinto antes do final da

---

<sup>1</sup> JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864-1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 53, 83.

<sup>2</sup> BRASIL. **Decreto nº 3.371, de 7 de Janeiro de 1865**. Crêa Corpos para o serviço de guerra em circunstancias extraordinarias com a denominação de - Voluntarios da Patria -, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficção competindo. Rio de Janeiro, 1865. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

<sup>3</sup> MINAS GERAIS. Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes apresentou no acto da abertura da sessão ordinaria de 1865 o desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, presidente da mesma provincia. Ouro Preto: Typ. do Minas Geraes, 1865. p. 12.

<sup>4</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874.

<sup>5</sup> Dado o uso extensivo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional/RJ, esta instituição é citada como BN/RJ.

<sup>6</sup> BN/RJ. Jornal Diário de Minas, Ouro Preto, 9 fev. 1867.

guerra, por ter tido quase todo o seu efetivo dizimado. O 27º Corpo de Voluntários teve grande parte do seu efetivo requisitado para reforçar a Força Expedicionária que marchou para Mato Grosso, o que levou à sua extinção por falta de pessoal ainda na fase de organização.<sup>7</sup>

O presente estudo tem como objetivo revisitar a história do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, no ano em que se completa 150 anos do episódio da Retirada da Laguna, uma das mais gloriosas páginas da História Militar do Brasil. A memória do 17º Corpo de Voluntários da Pátria tem sido preservada desde o século XIX, por meio de documentos, obras literárias e artigos em jornais. Além disso, o *Auto do Depósito da Bandeira do Batalhão na Catedral de Mariana*, de 26 de março de 1870, é uma verdadeira carta testamento desse Corpo de Voluntários.<sup>8</sup> Ao longo do século XX, o 17º Corpo foi objeto de diversas obras como *Minas e a Guerra do Paraguai: Homenagem à Bandeira do 17º Corpo de Voluntários*, do escritor Mário de Lima<sup>9</sup>, publicada em 1926; *Um Voluntário da Pátria*, de Eponina Ruas<sup>10</sup>, obra alusiva à comemoração do centenário da Guerra do Paraguai, de 1965; a memorável obra *Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, do General Paulo de Queiroz Duarte<sup>11</sup>, de 1981, que descreve todos os Corpos de Voluntários criados por meio do Decreto Nº 3.371; a *Pequena História da Guerra do Paraguai*, de Anatólio Alves de Assis<sup>12</sup>, e publicada em 1984, que descreve a participação das forças mineiras na Guerra do Paraguai; além de outras obras, trabalhos acadêmicos e artigos da imprensa. Além dessas obras específicas, o 17º Corpo é citado em obras gerais sobre a Guerra do Paraguai, por ter a sua história associada à da Força Expedicionária que atuou no sul do Mato Grosso. Além das obras literárias e documentais, a preservação da memória do 17º Corpo de Voluntários se faz também por meio do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, inaugurado em 1938, no Rio de Janeiro.

O presente estudo procura não só rever, mas também contribuir com o processo de construção da memória do 17º Corpo de Voluntários, com novos achados e uma

---

<sup>7</sup> MINAS GERAIS. Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes apresentou no acto da abertura da sessão ordinaria de 1865 o desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, presidente da mesma provincia. Ouro Preto: Typ. do Minas Geraes, 1865. p. 12.

<sup>8</sup> AUTO do deposito da Bandeira do 17º Corpo de Voluntarios da Patria de volta da campanha do Paraguay na Cathedral da Diocese de Mariana. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 5-7, jul./dez. 1911.

<sup>9</sup> LIMA, Mário de. **Minas e a Guerra do Paraguay: Homenagem à Bandeira do 17º Batalhão de Voluntários**. Bello Horizonte: Imprensa Official do Estado. 1926.

<sup>10</sup> RUAS, Eponina. **Um Voluntário da Pátria**. Ouro Preto:[s.n.], 1965.

<sup>11</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

<sup>12</sup> ASSIS, Anatólio Alves de. **Pequena História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984.

reconstituição crítica de toda a sua trajetória, desde o recrutamento, passando pela sua formação e ação em campanha, até a sua destinação final no pós-guerra. Os diversos aspectos humanos e militares dos voluntários do 17º Corpo, que entraram para a história como mártires e heróis, são analisados com base nas informações da imprensa da época, nos testemunhos do Visconde de Taunay, além de fontes primárias como os Relatórios da Província de Minas Gerais, Relatórios do Ministério da Guerra e documentos dos oficiais que comandaram o Corpo de Voluntários.

## 2 RECRUTAMENTO DE VOLUNTÁRIOS MINEIROS

Coube ao Presidente da Província de Minas Gerais, Pedro de Alcântara Cerqueira Leite, a responsabilidade de fazer o chamamento dos mineiros às armas. Em 14 de janeiro de 1865, ele encaminhou uma circular e cópia do Decreto N° 3.371 às câmaras municipais solicitando empenho na aquisição de voluntários. Um trecho da circular, publicada no *Jornal do Commercio*, de 25 de janeiro de 1865, é transcrito a seguir:

[...] Nesta conjuctura nos achamos, quando consta que o estrangeiro invade a província de Mato-Grosso, e o governo ordena que para ali marchem forças. Ahi remetto a Vms. o decreto que confere honra e vantagens aos voluntários e guardas nacionaes que se oferecerem a defender a patria. Boa oportunidade se dá para que Vms., como dignos representantes dessas localidades, e tão relacionados nas mesmas, prestem valiosos serviços, exhortando aos seus amigos e parentes a auxiliarem as comissões das freguesias encarregadas do alistamento dos voluntários; a convidar dos seus municipes os que se podem prestar ao serviço da pátria; a convencer e persuadir a todos da necessidade que tem cada um de contribuir para tão nobre empenho; e a fazer conhecer finalmente aos guardas nacionaes e outras pessoas as grandes vantagens concedidas aos que se alistarem voluntariamente. [...].<sup>13</sup>

Seja pelo patriotismo ou pelos beneficios do decreto; nos primeiros meses da guerra os mineiros se alistaram espontaneamente, se apresentando individualmente, ou em grupos organizados por comissões patrióticas formadas nos municípios. Os voluntários recebiam um auxílio financeiro e, às vezes, recebiam até a farda, para se deslocarem até Ouro Preto. Esses voluntários eram constituídos por elementos de todos os estratos sociais. Os beneficios oferecidos pelo Decreto N° 3.371 eram atraentes, particularmente, para as classes menos favorecidas, mas muitos pais e filhos de famílias socialmente importantes se alistaram como voluntários, pela obrigação moral que tinham perante a sociedade, ou pelo impulso patriótico ante a invasão do território nacional, ou ainda pela busca de glórias no campo de batalha. Dizia-se que a fina flor da mocidade ouro-pretana havia alistado, entre eles

---

<sup>13</sup> BN/RJ. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1865.

José Rodrigues Duarte Júnior, então 1º Oficial da Secretaria da Presidência da Província de Minas, e Vicente Ferreira da Silva, Coletor de Rendas de Ouro Preto, que, espontânea e patrioticamente, se ofereceram como voluntários. Além de arregimentar voluntários, o Presidente da Província obteve recursos financeiros para o esforço de guerra, conforme ele próprio relata: “As subscrições para a aquisição de voluntários, e urgências do Estado, produzirão avultadas quantias.”<sup>14</sup>

As cidades mineiras que forneceram voluntários, no ano de 1865, foram as seguintes com a grafia original e em ordem alfabética: Alfenas (42); Araxá e Patrocínio (95); Ayuruoca (95); Baependy (21); Bagagem (69); Barbacena (80); Bomfim (24); Caethé (26); Caldas (30); Campanha (51); Christina (49), Conceição (42); Curvello (62); Desemboque (1); Diamantina (116); Dolores do Indaiá (7); Formiga, Piumhy e Santo Antônio do Monte (68); Grão Mogol (35); Itabira(31); Itajubá(11); Jaguaray (11); Januaria (98); Leopoldina (100); Mar d’Hespanha (62); Marianna (20); Minas Novas (12); Montes Claros (20); Oliveira (27); Ouro Preto (95); Pará (10); Paracatú (68); Parahybuna, atual Juiz de Fora (122); Passos e Jacuhy (86); Piranga (5); Pitangui (52); Pomba (53); Ponte Nova (34); Pouso Alegre (4); Queluz, atual Conselheiro Lafaiete (25); Rio Preto (110); S. Francisco das Chagas (11); S. João d’El-Rei (55); S. José d’El-Rei, atual Tiradentes (7); S. Paulo do Muriaé (52); S. Romão (12); Sabará (88); Santa Barbara (20); Santa Luzia (103); Serro (95); Ubá (109) e Uberaba (20).<sup>15</sup> Ao todo, alistaram-se 2.541 voluntários, em Minas Gerais, no ano de 1865. Esses dados não incluem os mineiros que se alistaram fora de Minas naquele ano, ou nos anos posteriores.

Considerar como voluntários mineiros apenas os que se alistaram em Minas tem sido um equívoco histórico e uma injustiça com os mineiros, conforme mostra o *Jornal do Commercio*, na edição de 4 de outubro de 1866:

[...] tendo esta provincia a infelicidade de ser central, a sua verdadeira capital não é Ouro Preto, mas sim o Rio de Janeiro e a côrte e provincia do Rio Janeiro, assim como a Bahia e S. Paulo apresentarão como seus muitas centenas, milhares mesmo, de voluntarios sahidos desta provincia. Para prova desta asserção, sem falar em centenas de voluntários que do norte da provincia, especialmente, de Januaria, seguirão para Bahia, e de muitos que do sul forão alistar-se em S. Paulo, basta lembrar que no 1º batalhão de voluntarios [da Corte] ha um grande numero de Mineiros, e o 4º, o heroico 4º, é talvez mais mineiro do que fluminense, pois é nesse batalhão que se alistarão cento e tantos voluntarios da Leopoldina, os voluntarios de Mar de Hespanha, cento e tanto do Juiz de Fôra, e ainda em maior número do Rio Preto, e de muitos outros pontos da provincia, que seguirão diretamente para a côrte, que alli se allistarão, e que por esse simples factó deixarão de ser Mineiros [...].<sup>16</sup>

<sup>14</sup> MINAS GERAIS. Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes apresentou no acto da abertura da sessão ordinaria de 1865 o desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, presidente da mesma provincia. Ouro Preto: Typ. do Minas Geraes, 1865. p. 11.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>16</sup> BN/RJ. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 out. 1866.

### 3 ORGANIZAÇÃO DO 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Do total de 2.541 voluntários mineiros alistados em Minas, 1.459 voluntários se apresentaram em Ouro Preto, outros 349 se apresentaram em Uberaba, e 733 foram diretamente para a Corte, no Rio de Janeiro.<sup>17</sup> Com os voluntários que se apresentaram em Ouro Preto, foram criados o 17 e o 18º Corpos de Voluntários. Com os que se apresentaram em Uberaba, foi criado o 27º Corpo de Voluntários. Os oficiais desses Corpos de Voluntários eram oficiais do Exército e da Guarda Nacional, que se ofereceram espontaneamente, mas a maioria era tirada dos voluntários civis com mais inteligência e aptidão para o serviço militar.<sup>18</sup> O Presidente da Província tinha autorização do Ministério da Guerra para nomear civis como oficiais, ou mesmo para promover oficiais militares, com isso constituindo a categoria de oficiais em comissão.

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria, criado em 18 de fevereiro de 1865, foi organizado como um batalhão de infantaria composto de oito companhias. Para o comando foi designado o Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão, tendo como imediato o Major Vicente Ferreira da Silva. Como comandantes das oito companhias foram designados os capitães: Francisco de Paula Tassara, Manoel José de Oliveira Catta Preta, José Rodrigues Duarte Júnior, Antônio José Ribeiro Bhering, Francisco de Paula Galvão, Floriano Gomes do Prado, Pio Guilherme Correa de Mello e José Maria Borges. Independentemente da origem, civil ou militar, todos eram oficiais em comissão. Esse Corpo de Voluntários tinha ainda uma banda de música com um mestre e dezoito músicos, além de um padre, o capelão-alferes Antônio Augusto do Carmo.<sup>19</sup>

Sobre a qualidade humana dos voluntários do 17º Corpo, Taunay escreveria em 2 de fevereiro de 1870, ou seja, quase cinco anos mais tarde:

O 17.º de voluntarios da patria é batalhão todo composto de Mineiros. Formou-se por ocasião do maior entusiasmo no Brazil em 1865, e recebeu a nata das cidades de Minas-Geraes. O seu pessoal era magnífico, sua disciplina, desde os primeiros dias da criação invejavel, graças ao espirito que lhe infundira o commandante, o tenente-coronel em comissão Enéas Galvão.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> MINAS GERAIS. Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes apresentou no acto da abertura da sessão ordinaria de 1865 o dezembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, presidente da mesma provincia. Ouro Preto: Typ. do Minas Geraes, 1865. p. 12.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> CARVALHO, Teophilo Feu de. **A Força Pública Policial de Minas Gerais 1831-1890**. Belo Horizonte: Polícia Militar de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro: Fundação João Pinheiro, 2014. passim.

<sup>20</sup> TAUNAY, Visconde. **Cartas da Campanha: A cordilheira-Agonia de Lopez (1869-1870)**. São Paulo: Melhoramentos, 1921. p. 116.

## 4 A TRAJETÓRIA DO 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

### 4.1 O 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS E A BRIGADA MINEIRA

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria foi destacado para integrar a Brigada Mineira que deveria marchar de Ouro Preto em direção a Uberaba, onde faria junção com forças provenientes de São Paulo formando uma Força Expedicionária que deveria socorrer a Província de Mato Grosso contra os invasores paraguaios. De acordo com o Relatório Provincial, de 30 de junho de 1867, a Brigada Mineira era composta de três unidades: Corpo de Guarnição do Exército (19 oficiais e 293 praças), 17º Corpo de Voluntários da Pátria (40 oficiais e 635 praças) e o Corpo de Policiais de Minas (14 oficiais e 295 praças), com um total de 1.296 homens.<sup>21</sup> Como comandante da Brigada Mineira foi nomeado o oficial do Exército Coronel José Antônio da Fonseca Galvão. Como comandante do Corpo Policial foi designado o Capitão Antônio Demétrio Gonçalves Ferreira e para o Corpo de Guarnição do Exército o Capitão João Theodoro Pereira de Mello. Para comandante do 17º Corpo de Voluntários foi nomeado o Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão, que era filho do comandante da Brigada Mineira.

O Jornal do Commercio, de 20 de junho de 1865, publicou uma nota que mostra que o Corpo Policial de Minas não fora enquadrado na categoria de voluntários, o que, obviamente, era uma desvantagem sob o ponto de vista pecuniário: “Convém reparar uma injustiça. Os corpos policiaes de outras províncias marcharão como voluntarios, o de Minas, porém, lá seguio como força de linha, não se lhe deu a legenda que manda o decreto de 7 de Janeiro.”<sup>22</sup>

### 4.2 A MARCHA DA BRIGADA MINEIRA DE OURO PRETO A UBERABA

A despedida da Brigada Mineira ocorreu na manhã do dia 10 de maio de 1865, com uma cerimônia cívico-militar. A fotografia da Figura 1 mostra a Brigada Mineira e a população ouro-pretana na praça principal de Ouro Preto, em frente ao Palácio Presidencial, que está parcialmente encoberto pela bandeira do Império. Um correspondente do Jornal do Commercio presenciou a cerimônia de despedida da tropa e assim a descreveu:

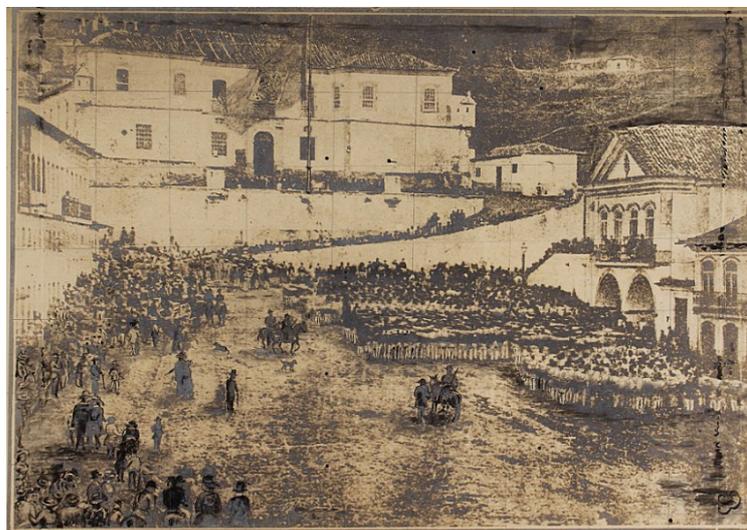
---

<sup>21</sup> MINAS GERAIS. Relatório que apresentou ao exm.sr. vice-presidente da província de Minas Gerais Dr. Elias Pinto de Carvalho por ocasião de lhe passar a administração em 30 de junho de 1867 o conselheiro Joaquim Saldanha Marinho presidente da mesma província. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1867. Anexo B. p. 4

<sup>22</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 20 jun. 1865.

A velha capital de Minas vestio-se de gala para dizer adeos de despedida aos filhos queridos que, com imensos sacrificios, correm ao auxilio de seus irmãos, decimados por um inimigo ousado e feroz. Às 9 horas da manhã os corpos de guarnição, policial e o 1º batalhão de voluntários, com 1,200 a 1,300 praças, que fôrão a 1ª brigada mineira, ao mando do distinto veterano coronel José Antônio da Fonseca Galvão, reuniu-se na praça em frente ao palácio da presidência. Ahi o distinto chefe dirigio-lhes uma breve mas ardente proclamação: perorárão tambem com geraes aplausos o presidente da provincia, o commendador Paula Santos e o secretario do governo Teixeira Guimarães.[...] Depois desfilou a força: as janelas estavam apinhadas de senhoras e as ruas de povo: ouvião-se prantos e soluços por toda parte; erão lagrimas pelo amigo, pelo parente, pelo irmão, pelo esposo, que ia procurar a morte ou a gloria a longes terras. O Sr. Cerqueira Leite, acompanhado de todos os funcionarios públicos e grande número de pessoas particulares, fôi levar a até ponte de Saramenha meia legua distante da cidade.[...].<sup>23</sup>

Figura 1 - A despedida da Brigada Mineira, em 10 de maio de 1865, com o comandante Coronel José Antônio da Fonseca Galvão a cavalo em frente à Brigada (à esquerda do leitor).



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.<sup>24</sup>

A Brigada Mineira chegou em Uberaba no dia 20 de junho de 1865, e lá permaneceu aguardando as forças provenientes de São Paulo, sob o comando do Coronel Manoel Pedro Drago, que havia sido nomeado pelo Imperador D. Pedro II para o posto de Presidente e Comandante das Armas da Província de Mato Grosso.

Durante a marcha de Ouro Preto a Uberaba, nada faltou, conforme relato do Coronel José Antônio da Fonseca Galvão ao Ministério da Guerra por meio de um ofício que ele escreveria, em 6 de novembro de 1865, e publicado no Jornal do Commercio de 3 de janeiro de 1866. A seguir, é transcrito um trecho desse ofício referindo-se à marcha entre Ouro Preto e Uberaba:

<sup>23</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 17 mai. 1865.

<sup>24</sup> Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. IHGB/RJ. Localização DL 409.1-III.

... nada nos faltou para que os soldados mineiros tivessem todos os commodos possíveis em uma longa marcha, e suas marmitas andavão sempre bem providas de víveres, pois que S. Ex, o Sr. presidente da província, ao crear os diversos pousos por onde, segundo o itinerário por S.Ex. organizado, tinha em sua marcha de acampar a brigada e pousar, tomou providencias tão acertadas creando commisões nelles que sempre ahi encontrámos todos os gêneros de primeira necessidade, de que se alimenta o Mineiro e muitos outros; assim chegamos á Uberaba, todos satisfeitos, officiaes e soldados, e fomos acampar a pouco mais de três quartos de legua fora da cidade no local Cachimbos, ...Nenhum caso de fatal de enfermidade nos soldados ahi se deu, e assim tambem forão elles sempre pagos em dia dos seus vencimentos pela caixa militar...<sup>25</sup>

#### 4.3 A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA EM UBERABA

As forças vindas de São Paulo, sob o comando do Coronel Manoel Pedro Drago, chegaram a Uberaba no dia 18 de julho de 1865. Essas forças compunham-se das seguintes unidades: uma Comissão de Engenheiros, proveniente do Rio de Janeiro e da qual fazia parte o então Tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Corpo de Guarnição do Paraná, o Corpo Fixo de Artilharia do Amazonas e, finalmente, de São Paulo, o Corpo de Guarnição (Exército), o Corpo Fixo de Cavalaria e um Corpo Policial, totalizando 566 homens.<sup>26</sup> Mesmo contando com algum reforço durante a marcha, as forças comandadas pelo Coronel Drago ficaram reduzidas a um pequeno efetivo de apenas 366 homens devido a deserções e mortes por varíola.<sup>27</sup>

No dia 1º de agosto de 1865, o Coronel Drago determinou a junção das forças que trouxe de São Paulo com as de Minas, formando a Força Expedicionária.<sup>28</sup> Com isso, o conjunto das forças foi transformado em uma única brigada sob o comando do Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, tendo o Coronel Drago como comandante em chefe.

A história do 17º Corpo de Voluntários da Pátria está associada à história dessa Força Expedicionária que teve sete comandantes, sendo alguns interinos, durante a Campanha do Mato Grosso. O Quadro I mostra a cronologia de comandos da Força Expedicionária e dos quatro comandantes do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, desde a formação da Força, em Uberaba, em 1º de agosto de 1865, até o final da Campanha do Mato Grosso quando a tropa foi aquartelada na cidade de Cuiabá em 16 de outubro de 1867.

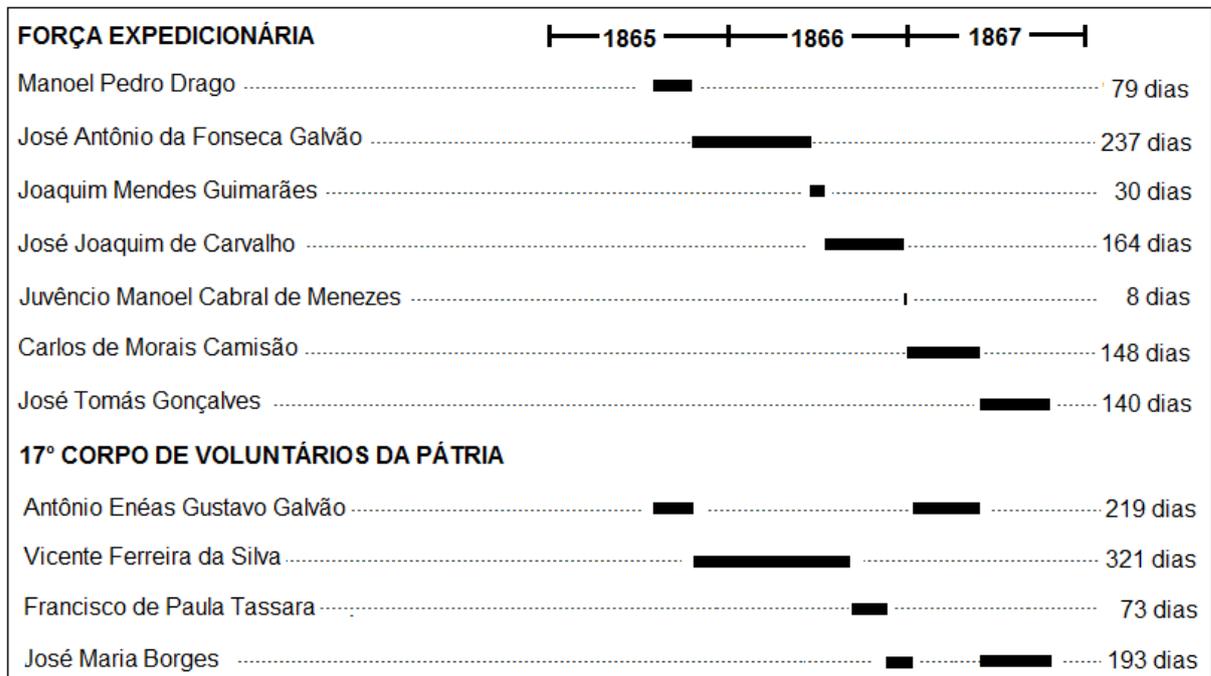
<sup>25</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 jan. 1866.

<sup>26</sup> JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864-1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 59.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 jan. 1866.

Quadro I - Comandantes da Força Expedicionária e do 17º Corpo de Voluntários da Pátria no período entre a junção das forças mineiras e paulistas, em Uberaba, no dia 1º de agosto de 1865, e a chegada a Cuiabá no final da Campanha em 16 de outubro de 1867.



#### 4.4 FORÇAS EM OPERAÇÕES NO SUL DO MATO GROSSO

##### 4.4.1 A marcha de Uberaba a Coxim

A Força Expedicionária deixou Uberaba com destino a Mato Grosso no dia 4 de setembro de 1865. Para a marcha de Uberaba até os limites de Minas com o Mato Grosso, foi preparada uma logística pelo Presidente da Província, Pedro de Alcântara Cerqueira Leite, prevendo que a tropa a passaria pela localidade de Santana do Paranaíba. Entretanto, o Coronel Manoel Pedro Drago marchou com a tropa em direção a Santa Rita do Paranaíba, mais ao norte. Essa mudança de itinerário deixou a tropa completamente sem apoio logístico, sem suprimentos e em condições precárias. Em consequência disso, e por outros atos anteriores (marcha vagarosa da força paulista entre São Paulo e Uberaba, e demora excessiva tanto em Campinas quanto em Uberaba), o Governo Imperial substituiu o Coronel Drago pelo Coronel José Antônio da Fonseca Galvão no comando da Força Expedicionária, o que ocorreu em 19 de outubro de 1865, no local denominado de Rio dos Bois, em Goiás. Nesta mesma data, o novo comandante em chefe, José Antônio da Fonseca Galvão, colocou o seu filho, Tenente-coronel Antônio Enéas, como comandante da Brigada. Não consta na fé de ofício do

Tenente-coronel Antônio Enéas qualquer menção à transferência do comando do 17º Corpo de Voluntários, após ele ter assumido o comando da Brigada. Entretanto, considerando-se as notícias da imprensa da época, constata-se que o comando do 17º Corpo foi transferido para o seu imediato, o Major Vicente Ferreira da Silva.<sup>29</sup>

Foi nesse contexto que marchou o 17º Corpo de Voluntários da Pátria, de Uberaba até às margens do Rio dos Bois, em Goiás, tendo percorrido 385 km. Enquanto marchou em território mineiro, nada faltou ao 17º Corpo de Voluntários da Pátria e, em reconhecimento, gratidão e despedida, os seus oficiais renderam tributo de homenagem ao Presidente da Província, Pedro de Alcântara Cerqueira Leite. O texto da homenagem, de 15 de setembro de 1865, e assinado por 34 oficiais do 17º Corpo, antes de deixar o território mineiro, foi publicado no Jornal do Commercio, do qual é transcrito o trecho:

[...] A V.Ex. deve o 17º batalhão de voluntarios da patria a sua organização, e ao aceno de sua mão protectora, os auxilios que ha recebido e que ainda hoje recebe dos poderes do Estado. E nós os escolhidos de V.Ex. para guiar este punhado de bravos a campo de batalha seriamos ingratos se ao deixar o solo mineiro prescindissemos de, ainda uma vez, patentear a V.Ex. a nossa eterna gratidão e o apreço em que temos o tino e acerto das medidas que tem adoptado na organização dos corpos que marchão em defesa da patria.[...].<sup>30</sup>

O Coronel José Antônio Fonseca Galvão assumiu o comando da Força Expedicionária com ordens de seguir para Miranda, ao sul do Mato Grosso, então sob ocupação paraguaia. Sobre essa mudança de itinerário, relatou Taunay:

Esta determinação, no ponto a que chegára o corpo do exercito, trazia como consequência forçada obrigá-lo a tornar a descer para o rio Rio Cochim e a contornar depois a Cordilheira de Maracajú na sua base occidental que é todos os annos invadida pelas aguas: a expedição estava condemnada a atravessar a região das febres paludosas.<sup>31</sup>

Em 6 de novembro de 1865, 18 dias depois de assumir o comando, o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão enviou uma longa carta ao Ministério da Guerra descrevendo o estado da Força Expedicionária, responsabilizando o seu antecessor, Coronel Drago, pela demora, maus caminhos tomados e falta de abastecimento à referida tropa.<sup>32</sup> Em 20 de dezembro de 1865, a Força Expedicionária chegou em Coxim, no Mato Grosso, que havia sido devastada pelos paraguaios. Entre Uberaba e Coxim, a Força Expedicionária marchara 1.106km, sendo que a mudança de itinerário fez com que se marchasse inutilmente 200 km a

<sup>29</sup> BN/RJ. Jornal Diario de Minas, Ouro Preto, 7 jun. 1866.

<sup>30</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 17 out. 1866.

<sup>31</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro:Typ. Americana, 1874. p. 12.

<sup>32</sup> BN/RJ. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 jan. 1866.

mais.<sup>33</sup> Em Coxim, já se encontravam reforços provenientes de Goiás que reuniram-se à Força Expedicionária. Neste local, o Coronel Galvão reorganizou a Força Expedicionária formando duas brigadas: a 1ª Brigada composta do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, do 21º Batalhão de Infantaria (formado com as Guarnições de Minas e de São Paulo) e do Corpo de Artilharia do Amazonas, com um total de 1.151 praças, sob o comando do Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão. A 2ª Brigada era composta do esquadrão de cavalaria e do 20º Batalhão de Infantaria, ambos de Goiás, e dos Corpos Policiais de Minas e de São Paulo, com um total de 914 praças, sob o comando do Tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães. A Força contava ainda com 34 Oficiais do Estado-Maior, Comissão de Engenheiros, Comissão de Saúde, além de outras repartições.<sup>34</sup>

Com a chegada da estação das chuvas, a Força Expedicionária ficou ilhada em Coxim, passando por privações e até mesmo fome.<sup>35</sup> Por Decreto, de 22 de janeiro de 1866, o Coronel Galvão foi promovido a brigadeiro. Em 20 de fevereiro, ainda acampado em Coxim, o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão enviou uma carta ao Conselheiro Nabuco de Araújo dando conta das necessidades da Força Expedicionária e pedindo a sua intervenção junto ao Governo.<sup>36</sup> Em síntese, ele reclama da falta de resposta dos ofícios enviados ao Ministro da Guerra, diz-se aflito para alimentar a tropa naquele sertão, sem provisões, sem gado e sem cavalos devido a dizimação dos animais pela peste, além de estar sem dinheiro, com os soldados semi-nus. Finalmente, roga ao Conselheiro Nabuco que tenha dó dos soldados e dele próprio e que interceda para que lhe seja enviado dinheiro para a compra de gado e pagamento dos praças. Esta carta evidencia o inexplicável descaso do Governo Imperial com a Força Expedicionária, ainda no início da sua missão, e é o prelúdio de uma tragédia, cujo ápice ocorreria 15 meses mais tarde.

#### 4.4.2 A marcha de Coxim a Miranda

Em 25 de abril de 1866, mais de quatro meses após a chegada a Coxim, com a melhora do tempo, o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão partiu com a 1ª Brigada em direção a Miranda. A 2ª Brigada permaneceu em Coxim aguardando a chegada do Corpo de Voluntários de Goiás com cerca de 600 homens. Em meados de maio, as duas brigadas

---

<sup>33</sup> JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864-1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 62.

<sup>34</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **Narrativas Militares**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878. p. 15.

<sup>35</sup> Idem. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. p. 13.

<sup>36</sup> GALVÃO, José Antônio da Fonseca. Carta destinada ao Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araújo dando conta das necessidades das tropas da Força Expedicionária. Acervo do IHGB. Lata 363 Pasta 49.

reuniram-se à margem do Rio Negro. Nesse momento, a Força Expedicionária contava com cerca de 2.700 combatentes, além de ser acompanhada por um cortejo de mercadores, mulheres e outros que, no anonimato, vivenciariam os acontecimentos de uma epopéia que já se iniciara. No acampamento do rio Negro, as chuvas voltaram ilhando as tropas que, nas palavras de Taunay: “O que alli soffrerão de fome, desespero, prostração, ansiedade, molestias e terror, não póde ser imaginado.”<sup>37</sup> Muitos oficiais e praças não resistiram, inclusive o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão, que morreu de malária, em 13 de junho de 1866, à margem do Rio Negro.

O Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão, que tinha 65 anos, foi enterrado com honras militares na margem direita do rio Negro em 14 de junho de 1866. O discurso lido no momento do sepultamento evidencia não só a indignação e resignação dos expedicionários com a situação de abandono na qual viviam, mas também o desgosto do falecido Coronel com o Governo Imperial, como se vê nos seguintes trechos:

[...] Perdemos o nosso general! Basta dizer isso para explicar essa transformação e sentimento que nos acabrunha! Na verdade somos o exercito do soffrimento! A's privações aturadas com uma resignação talvez sem exemplo vem ajuntar-se a dor, que desespera! [...] Malfadada expedição, que teve as privações e a morte por companheiras, o esquecimento da pátria como recompensa, e que para cumulo de males vê seu primeiro commandante rolar sem vida na terra do pantanal, em o qual está plantado o nosso acampamento! [...]. Tantos cuidados e mais o desgosto que lhe causára a inconsiderada publicação de um acto ministerial, não triumpharam de seu espirito inabalavel, mas minaram-lhe a saude, que na sua avançada idade era mais susceptivel de fraquear.[...].<sup>38</sup>

Com a morte do Brigadeiro Galvão, o comando da Força Expedicionária foi assumido, interinamente, pelo Tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, em 13 de junho de 1866. No dia 24 de junho, a tropa reiniciou a marcha. Segundo Taunay: “Cumpria tomar uma resolução qualquer. A 24 daquelle mez a columna deu um verdadeiro arranco; metteu-se pela agua e capinzaes, e veio rompendo seu caminho.”<sup>39</sup> Nessa marcha, foram atravessados pantanais lamacentos e pestilentos onde desapareceram mais de uma centena de vítimas. Nas palavras de Taunay: “O que se passou alli foi indescriptivel.”<sup>40</sup> Após 10 dias de marcha pela região pantanosa, a tropa chega ao rio Taboco, em 3 de julho de 1886. O estado da tropa segundo Taunay era o seguinte: “Homens quase nús, esqualidos, mortos de fome e cansaço, verdadeira tropa de maltrapilhos!”<sup>41</sup> Ainda no Taboco, em 13 de julho de 1866, o Tenente-

<sup>37</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Narrativas Militares**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878. p. 49.

<sup>38</sup> BN/RJ. *Jornal Diario de Minas, Ouro Preto*, 27 set. 1866.

<sup>39</sup> TAUNAY, op. cit., p. 50.

<sup>40</sup> *Idem*.

<sup>41</sup> *Idem*.

coronel Joaquim Mendes Guimarães foi substituído no comando pelo Coronel José Joaquim de Carvalho, enviado pelo Presidente da Província do Mato Grosso.

O novo comandante, Coronel Carvalho, encontrou a tropa acampada à margem do rio Taboco, à espera de víveres, e assumiu o comando em 13 de julho de 1866. Com a chegada dos recursos solicitados, e após descanso de pouco mais de um mês, a tropa retomou a caminhada no dia 5 de setembro de 1866, chegando a Miranda em 17 de setembro de 1866. Os invasores paraguaios haviam abandonado Miranda, após saqueá-la e incendiá-la. Portanto, bastou a presença de forças brasileiras para o inimigo recuar sem o disparo de um só tiro. Miranda era um local insalubre e com água de péssima qualidade e, conforme relata Taunay, uma epidemia de beribéri ou paralisia reflexa atacou a tropa dizimando parte do seu efetivo.<sup>42</sup>

Vários oficiais e praças do 17º Corpo de Voluntários morreram na marcha entre Coxim e Miranda e, posteriormente, nesta última localidade. Um deles foi o Major Vicente Ferreira da Silva, em 5 de setembro, que estava no comando do 17º Corpo de Voluntários. O Capitão-comandante da terceira companhia, José Duarte Rodrigues Júnior, que recebera do Presidente da Província de Minas a incumbência de registrar o itinerário da Força Expedicionária, morreu no dia 13 de outubro de 1866, em Miranda. Suas anotações sobre a expedição foram publicadas por seu irmão João Raimundo Duarte, em 1917, na obra *Recordações Mineiras*.<sup>43</sup> Outros comandantes de companhias do 17º Corpo foram acometidos de paralisia e tiveram que ser removidos para tratamento, como os capitães Manoel José de Catta Preta e Floriano Lemos do Prado.<sup>44</sup>

Na fê de ofício do Capitão José Duarte Rodrigues Júnior, datada de 19 de outubro de 1866, consta o nome do Capitão em comissão Francisco de Paula Tassara como comandante interino do 17º Corpo de Voluntários.<sup>45</sup> Portanto, pode-se presumir que, após a morte do Major Vicente Ferreira da Silva, o Capitão em comissão Francisco de Paula Tassara assumiu o comando interino do 17º Corpo de Voluntários, até 17 de novembro de 1866, quando foi substituído por José Maria Borges, recém-promovido a Major em comissão.<sup>46</sup>

Durante a permanência em Miranda, o Coronel Carvalho deixou o comando da Força Expedicionária em 24 de dezembro de 1866, segundo Taunay, por ter sido atacado pela epidemia.<sup>47</sup>

<sup>42</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. p. 13.

<sup>43</sup> DUARTE, João Raimundo. *Recordações mineiras*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1917. p. 69 et seq.

<sup>44</sup> BN/RJ. *Jornal Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1867.

<sup>45</sup> DUARTE, op. cit., p. 81.

<sup>46</sup> BORGES, José Maria. Fê de ofício. Arquivo Histórico do Exército. Pasta: V-1-1.

<sup>47</sup> TAUNAY, op. cit., p. 21.

O Tenente-coronel Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, chefe da Comissão de Engenheiros, assumiu o comando interino de 24 de dezembro de 1866 a 1º de janeiro de 1867. Nada digno de nota ocorreu durante a sua breve interinidade. Entretanto, ele teria grande influência nas decisões do futuro comandante, o Coronel Carlos de Moraes Camisão, nomeado pelo Presidente da Província do Mato Grosso, e do qual seria o imediato.

O Coronel Camisão assumiu a Força Expedicionária, em 1º de janeiro de 1867. De acordo com Taunay, o efetivo estava reduzido a 1.600 homens, devido a perda de 1.100 homens entre Coxim e Miranda.<sup>48</sup> Em 9 de janeiro de 1867, o Coronel Camisão deu nova organização à Força Expedicionária fundindo as duas brigadas em uma única constituída de quatro batalhões de infantaria: 17º Corpo de Voluntários da Pátria, 21º Batalhão de Infantaria, 20º Batalhão de Infantaria de Goiás e o Corpo de Caçadores a Cavallo (na realidade caçadores a pé, pois os cavalos haviam morrido de pestes entre Coxim e Miranda), além do Corpo Provisório de Artilharia.<sup>49</sup> O armamento dessa força consistia de carabinas à Minié, espingardas raiadas, quatro canhões La Hitte, além de armas brancas.

Com essa reorganização, o Tenente-coronel Antônio Enéas Galvão deixou o comando da extinta 1ª Brigada e reassumiu o comando do 17º Corpo de Voluntários.<sup>50</sup>

Dado o precário estado sanitário da tropa, em Miranda, foi ordenado ao Coronel Camisão que marchasse para Nioaque, mais ao sul, local mais salubre, conforme relatou o Ministro da Guerra, João Lutzosa da Cunha Paranaguá, ao Parlamento:

...uma epidemia rebelde a todos os esforços empregados pelos médicos dizimou em grande numero as fileiras da expedição, circunstancia esta que aconselhava a mudança do acampamento quanto antes; por isso ordenei-a, indicando o ponto de Nioac como o mais conveniente para nelle estacionar a expedição, ficando ella alli mais próxima do rio Apa, onde o inimigo conserva alguns pontos fortificados e possíveis de serem batidos e ocupados pelas nossas forças [...].<sup>51</sup>

#### 4.4.3 A marcha de Miranda a Laguna no Paraguai

Após 116 dias de estadia em Miranda, a Força Expedicionária marchou a 11 de janeiro para Nioaque, onde chegou em 24 de janeiro. Segundo Taunay, os corpos da Força Expedicionária saíram de Miranda fardados, armados e providos de munição.<sup>52</sup>

<sup>48</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. p. 21.

<sup>49</sup> VIANNA, Lobo. **A Epopéa da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 24.

<sup>50</sup> GALVÃO, Antônio Enéas Gustavo. Fé de Ofício. Arquivo Histórico do Exército. Pasta I-17-3.

<sup>51</sup> BRASIL. Ministério da Guerra. Relatório apresentado á Assembléa Geral na Primeira Sessão da Decima Terceira Legislatura pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra João Lutzosa da Cunha Paranaguá. Rio de Janeiro. Typographia Nacional, 1867. p. 35.

<sup>52</sup> TAUNAY, op. cit., p. 22.

De Nioaque, a Força Expedicionária seguiu para o sul de Mato Grosso, em 25 de fevereiro, em direção ao rio Apa, na fronteira e, a seguir, invadiu o Paraguai. Deve ser ressaltado que não havia ordem expressa do Ministério da Guerra para o avanço sobre o Apa, mas apenas uma recomendação caso as circunstâncias o permitissem.<sup>53</sup> A decisão de invadir o norte do Paraguai ocorreu sem que algum fato favorável para isso tivesse acontecido, sequer havia notícias oficiais sobre o andamento da guerra no sul do Brasil. Sobre a falta de notícias naquele momento, Taunay escreveu: “...teriam para nós [as notícias] o maior interesse no momento em que nos abalancávamos a uma operação perigosa sem outra razão ou intuito além de effectuar uma diversão util ao feliz exito das nossas armas no Baixo Paraguay.”<sup>54</sup>

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria participou desse avanço da Força Expedicionária em direção à República do Paraguai, sob o comando do Tenente-coronel Antônio Enéas Galvão, e a cronologia das suas principais ações no avanço, desde a partida de Nioaque, pode ser resumida da seguinte forma: marchou de Nioaque para a Colônia de Miranda, onde chegou em 4 de março. Em 10 de abril, marchou para as proximidades do rio Apa, a fim de fazer um reconhecimento do inimigo, regressando à Colônia de Miranda em 13 de abril. Tomou posse do posto militar de Machorra, em 20 de abril, quando fazia a vanguarda da Força Expedicionária. Atravessou a fronteira e acampou no Forte de Bela Vista, na República do Paraguai, em 21 de abril. Marchou para o interior do Paraguai, em 30 de abril, acampando no local denominado de Córrego da Invernada.

Em território paraguaio, o Coronel Camisão deu à Força Expedicionária o título de Forças em Operações no Norte do Paraguai. No dia 1º de maio de 1867, a Força Expedicionária avançou até a estância de Laguna, a 30 km da fronteira, onde esperava encontrar gado abundante com base em informações de alguns brasileiros que haviam fugido de prisões paraguaias. Entretanto, de acordo com Jourdan, o governo paraguaio conhecia o movimento, a força e os recursos da Força Expedicionária, mandando que se fizesse o deserto ao redor dela.<sup>55</sup>

Nada encontrando em Laguna, devido à tática de terra arrasada praticada pelos paraguaios, e sem provisões, o Coronel Camisão resolveu retirar-se do Paraguai em direção a Nioaque, não antes de fazer uma demonstração de força ordenando um ataque-surpresa a um acampamento paraguaio, em 6 de maio, com resultado favorável aos expedicionários. Esse ataque provocaria a represália dos paraguaios nos dias seguintes. Não consta na fé de ofício

<sup>53</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. p. 30.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 57.

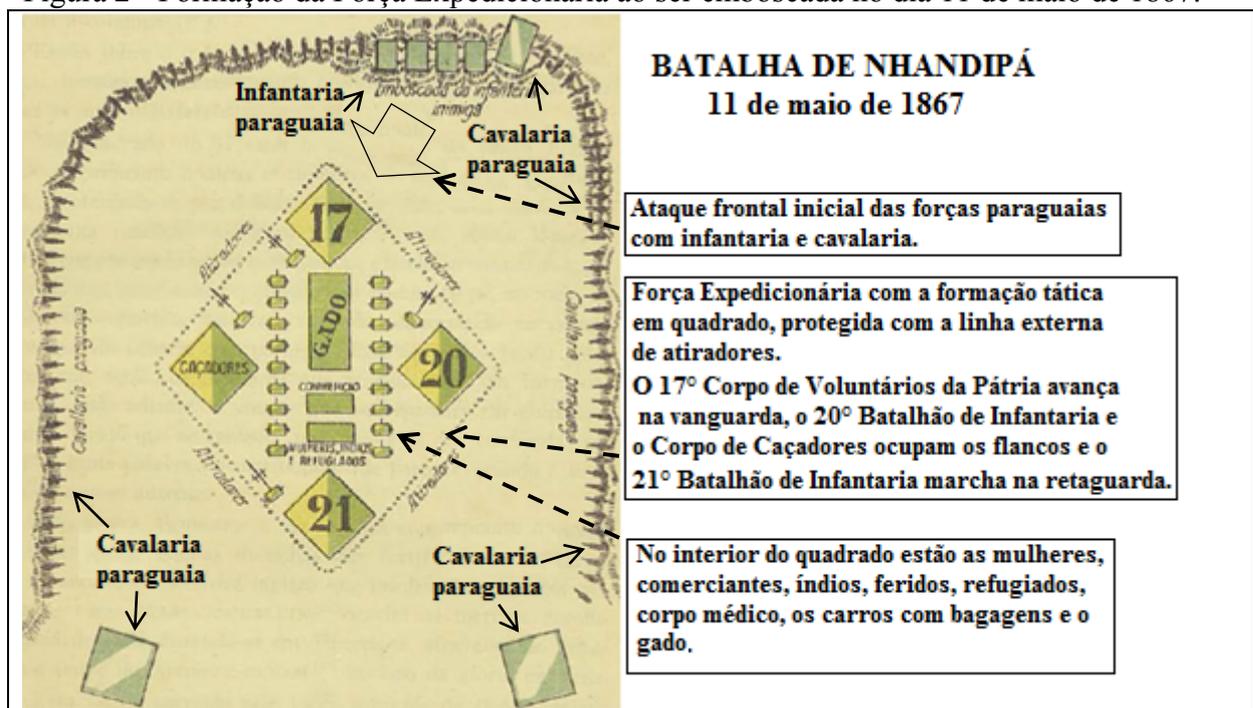
<sup>55</sup> JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864-1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 75.

do Tenente-coronel Antônio Enéas menção ao ataque-surpresa ao acampamento paraguaio, no dia 6 de maio, provavelmente, pelo fato do 17º Corpo apenas ter dado cobertura ao 21º Batalhão de Infantaria e ao Corpo de Caçadores que efetuaram o ataque.

#### 4.4.4 A Retirada da Laguna

A Força Expedicionária iniciou a retirada da Laguna, com destino a Nioaque, às 7h, do dia 8 de maio de 1867. Ainda em território paraguaio, o 17º Corpo de Voluntários participou dos combates ocorridos nos dias 8 e 9 de maio. Na manhã do dia 11 de maio, a Força Expedicionária transpôs o rio Apa e, neste mesmo dia, já em território brasileiro, ocorreu a denominada Batalha de Nhandipá. A formação da Força Expedicionária, no momento em que foi emboscada pelos paraguaios na batalha do dia 11 de maio, é esquematizada na Figura 2, estando o 17º Corpo de Voluntários na vanguarda.

Figura 2 - Formação da Força Expedicionária ao ser emboscada no dia 11 de maio de 1867.



Fonte: Adaptação da Figura original de Lobo Vianna.<sup>56</sup>

Nesta batalha, que foi a maior de toda a campanha, envolveram-se cerca de 3.000 combatentes com mais de 230 soldados mortos, sendo 180 paraguaios.<sup>57</sup> Dos brasileiros mortos, a maioria era do 17º Corpo de Voluntários da Pátria que fazia a vanguarda da Força

<sup>56</sup> VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 82-83.

<sup>57</sup> TAUNAY, Visconde de. **Dias de Guerra e de Sertão**. São Paulo: Revista do Brasil, 1920. p. 158, 159.

Expedicionária e dos atiradores que o precediam. Os brasileiros resistiram ao ataque, mas perderam o gado que, assustado com o tiroteio, fugiu sendo arrebanhado pelos paraguaios. A perda do gado traria o flagelo da fome à tropa em retirada.

Diversos voluntários foram citados nas Partes do comandante Tenente-coronel Antônio Enéas por bravura nos combates dos dias 8, 9 e 11, porém o Tenente Raimundo Fernandes Monteiro Júnior distinguiu-se em todos os combates, tendo recebido sete lançamentos na batalha do dia 11, mas ele sobreviveu aos ferimentos.<sup>58</sup>

Durante a retirada, o 17º Corpo de Voluntários participou ainda dos tiroteios dos dias 14, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 27 e 28 de maio, fazendo ora a vanguarda, ora a retaguarda e algumas vezes flanqueando as forças.<sup>59</sup> Entre 17 de maio e 3 de junho, ocorreu um surto de cólera-morbo. Para o tratamento dos coléricos e feridos, durante a retirada, havia apenas dois médicos, o Dr. Cândido Manuel de Oliveira Quintana e o Dr. Manoel de Aragão Gesteira, os únicos que restaram de uma equipe inicial de 15 médicos.<sup>60</sup>

No dia 26 de maio, o Coronel Camisão ordenou o abandono de expedicionários acometidos de cólera-morbo. De acordo com o Dr. Quintana, 122 coléricos ficaram pelo caminho, por ordem superior ou abandonados pelos soldados que os conduziam.<sup>61</sup> A relação nominal dos coléricos seria documentada pelo Capitão Antônio Florêncio Pereira do Lago, em Porto Canuto, em 15 de junho de 1867.<sup>62</sup> Dos 122 coléricos abandonados, 40 eram do 17º Corpo de Voluntários, sendo 1 cabo, 5 anseçadas, 33 soldados e 1 corneta.<sup>63</sup> Esses coléricos abandonados foram mortos pelos paraguaios que seguiam a Força Expedicionária. O total de homens perdidos pelo 17º Corpo com a cólera-morbo, durante a retirada, foi de 80 homens.<sup>64</sup>

Em 29 de maio de 1867, o próprio comandante da Força Expedicionária, o Coronel Camisão, e o seu imediato, o Tenente-coronel Juvêncio, morreram de cólera-morbo. Assumiu então o comando da Força Expedicionária o Major em comissão José Tomás Gonçalves, que era comandante do 21º Batalhão de Infantaria. Ele era capitão efetivo do exército, hierarquicamente superior ao Tenente-coronel de comissão Antônio Enéas, que era tenente

<sup>58</sup> As Partes do Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão relativas às batalhas dos dias 8, 9 e 11 de maio estão contidas nas Notas 17, 18 e 19, respectivamente, anexas à obra: VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 152-158.

<sup>59</sup> GALVÃO, Antônio Enéas Gustavo. Fé de Ofício. Arquivo Histórico do Exército. Pasta I-17-3.

<sup>60</sup> SOUZA, Luiz de Castro. A medicina na Guerra do Paraguai (III): Mato Grosso. **Revista de História**, São Paulo, v. 40, n. 81, p. 117, jan./mar. 1970.

<sup>61</sup> QUINTANA, Cândido Manoel de Oliveira. Parte de 15 de junho de 1867 apud VIANNA, op. cit., p. 164.

<sup>62</sup> LAGO, Antonio Florencio Pereira. 1867 apud SOUZA, Luiz de Castro. A medicina na Guerra do Paraguai (V): Mato Grosso. **Revista de História**, São Paulo, v. 42, n. 85, p. 136-138, jan./mar. 1971.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> GALVÃO, Antônio Enéas Gustavo. Ofício dirigido ao Presidente da Província do Mato Grosso, Dr. José Vieira Couto de Magalhães, em 12 de junho de 1867 apud VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 169.

efetivo. Para não ser comandado por um major em comissão, Antônio Enéas alegou estar doente e retornou à Corte, passando o comando do 17º Corpo de Voluntários ao Major José Maria Borges.

Após a passagem por Nioaque, que havia sido novamente devastada, cessou a perseguição dos paraguaios, e os expedicionários marcharam até Porto de Canuto, à margem do rio Aquidauna, onde chegaram em 11 de junho de 1867. Nesta data, o comandante da Força Expedicionária, Major José Tomás Gonçalves, considerou concluída a retirada.

O dia a dia desse movimento retrógrado, entre 8 de maio e 11 de junho de 1867, é narrado por Taunay em sua obra épica *A Retirada da Laguna*. Foram trinta e cinco dias de martírio, durante os quais os expedicionários foram submetidos ao flagelo da fome; a caminhadas por campos ora incendiados pelo paraguaios, ora enlameados pelos temporais; às intempéries; aos tiroteios quase diários; ao surto de cólera-morbo; à falta de transporte que acarretou o abandono de coléricos, à perda de seu comandante e à absoluta falta de apoio logístico.

#### **4.4.5 Término da Campanha e Aquartelamento do 17º Corpo em Cuiabá**

Concluída a retirada, o 17º Corpo de Voluntários marchou de Porto Canuto para Correntes, no Mato Grosso, onde acampou. Em 26 de agosto, seguiu com a Força Expedicionária para Cuiabá, onde aquartelou-se em 16 de outubro de 1867. Portanto, estava encerrada a participação do 17º Corpo de Voluntários da Pátria como integrante das Forças em Operações no Sul do Mato Grosso.

De acordo com Acyr Vaz Guimarães<sup>65</sup>, o 17º Corpo de Voluntários percorreu, a pé, a impressionante distância de 3.927km, entre Ouro Preto e Cuiabá.

O 17º Corpo permaneceu em Cuiabá de 16 de outubro de 1867 até 5 de julho de 1869. Na fé de ofício de seu comandante, o Major José Maria Borges, consta apenas que fez parte do serviço de guarnição daquela capital.<sup>66</sup> Entretanto, uma resenha sobre a trajetória do 17º Corpo, publicada no jornal *A Reforma* de 1º de Março de 1870, informa que ele permaneceu em Cuiabá fazendo o serviço de guarnição, levantando o forte de São José, e dessecando duas lagoas, uma junto ao forte, onde acampou, e outra próxima à cidade que era infeccionada por ela com febres palustres e intermitentes.<sup>67</sup>

<sup>65</sup> GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscenta Léguas a Pé*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999. p. 194.

<sup>66</sup> BORGES, José Maria. Fé de ofício. Arquivo Histórico do Exército. Pasta: V-1-1.

<sup>67</sup> BN/RJ. *Jornal A Reforma*, Rio de Janeiro, 1º mar. 1870.

#### 4.4.6 O efetivo do 17º Corpo de Voluntários após a Campanha do Mato Grosso

Há controvérsias sobre o efetivo remanescente do 17º Corpo de Voluntários, após a Campanha do Mato Grosso. De acordo com Taunay, o efetivo sob o comando do Coronel Camisão era de 1.600 homens, antes da invasão do Paraguai, tendo sobrevivido 700, dos quais pouco mais de 200 eram do 17º Corpo.<sup>68</sup> De acordo com Jourdan, antes da invasão do território paraguaio, a Força Expedicionária contava com 1.907 combatentes, sendo 530 do 17º Corpo de Voluntários, e, ao final da retirada, o efetivo era de 1.329 homens, sendo 379 do 17º Corpo.<sup>69</sup> Esses números de Jourdan, para os sobreviventes, são próximos dos que constam no Mapa da Força Presente de autoria do Capitão Antônio Florêncio Pereira do Lago, de 15 de outubro de 1867, véspera da entrada em Cuiabá, segundo o qual a Força Expedicionária contava com 1.340 homens; sendo 395 do 17º Corpo de Voluntários.<sup>70</sup>

Portanto, considerando esse último valor como oficial, e considerando que partiram 675 voluntários de Ouro Preto, conclui-se que houve a perda de 280 voluntários durante a Campanha do Mato Grosso.

#### 4.5 AÇÕES DO 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA NO PARAGUAI

Em 5 de julho de 1869, após permanecer 628 dias em Cuiabá, o 17º Corpo de Voluntários da Pátria embarcou naquela capital com destino a Assunção, capital do Paraguai, onde desembarcou em 5 de agosto. O 21º Batalhão de Infantaria, ao qual estava integrado o Corpo Policial de Minas, já estava em Assunção, no Paraguai, desde 7 de julho, também proveniente de Cuiabá.<sup>71</sup> Portanto, todos os componentes da Brigada Mineira estavam presentes no Paraguai.

No mês de agosto de 1869, o Exército Brasileiro no Paraguai contava com um efetivo de 16.643 homens em operações nas cordilheiras e 8.521 destacados, entre os quais os voluntários do 17º Corpo.<sup>72</sup>

<sup>68</sup> TAUNAY, Visconde de. **Cartas da campanha**: A cordilheira – Agonia de Lopez (1869-1870). São Paulo: Melhoramentos, 1921. p. 117.

<sup>69</sup> JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864-1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 75.

<sup>70</sup> LAGO, 1867 apud VIANNA, Lobo. **A Epopéa da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1938. p. 189.

<sup>71</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981. v. 4, t. 1. p. 2.

<sup>72</sup> TAUNAY, Visconde. **Diário do Exército**: De Campo Grande a Aquidaban. São Paulo: Melhoramentos, 1926. p. 13.

De acordo com a fé de ofício do Major José Maria Borges, em 13 de agosto, o 17º Corpo de Voluntários marchou para Caucopé, regressando a Assunção, onde acampou em 22 de agosto. Em 5 de setembro, o 17º Corpo marchou para Vila Rica, onde acampou no dia 22 do mesmo mês. Em 22 de outubro, marchou para Angostura, e acampou em Piraju no dia 31 do mesmo mês. Embarcou para Assunção em 1º de dezembro, onde desembarcou no mesmo dia. Em 3 de dezembro, embarcou em Assunção com destino a Humaitá, onde desembarcou e acampou-se em 4 de dezembro. Apesar dos constantes deslocamentos na República do Paraguai, não consta na fé de ofício do Major José Maria Borges que o batalhão tenha participado diretamente de combates naquele país.<sup>73</sup>

#### 4.6 O RETORNO AO BRASIL

Em carta datada de 27 de janeiro de 1870, o Conde d'Eu, então Comandante em Chefe de todas as Forças Brasileiras em Operações na República do Paraguai, comunicou ao Ministro da Guerra, Barão de Muritiba, que nos primeiros dias de fevereiro partiria para o Brasil uma brigada composta de três corpos de voluntários: O 17º de Minas, o 40º da Bahia e o 53º de Pernambuco.<sup>74</sup> Foi designado para comandar essa brigada o Coronel honorário Francisco Vieira de Faria Rocha. Para o transporte marítimo desses Corpos foram providenciados três vapores, o Galgo, o São José e o Cuiabá.

O 17º Corpo de Voluntários partiu de Humaitá com destino ao Rio de Janeiro, em 5 de fevereiro, a bordo do vapor Cuiabá, com um contingente de 494 homens, sendo 34 oficiais e 460 praças.<sup>75</sup> O vapor Cuiabá chegou a Montevideú, em 9 de fevereiro, onde houve a troca de embarcação, por motivo de segurança e comodidade e, no dia 12 de fevereiro, a viagem prosseguiu no vapor Vassimon.<sup>76</sup> Às 8h, do dia 16 de fevereiro, o vapor Vassimon chegou em Desterro (atual Florianópolis), onde os voluntários desembarcaram para se refrescar, sendo considerado bom o estado sanitário.<sup>77</sup> No dia 19 de fevereiro de 1870, o vapor Vassimon deixou Santa Catarina com destino ao Rio de Janeiro.<sup>78</sup>

<sup>73</sup> BORGES, José Maria. Fé de ofício. Arquivo Histórico do Exército. Pasta: V-1-1.

<sup>74</sup> CONDE d'EU. Ofício ao Ministro da Guerra, Barão de Muritiba, em 27 de janeiro de 1870 apud DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981. v. 4, t. 1. p. 8.

<sup>75</sup> BRASIL. Ministério da Guerra. Relatório apresentado á Assembléa Geral na Quarta Sessão da Decima-Quarta Legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado interino dos Negocios da Guerra Visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, 1872, Anexo B.

<sup>76</sup> BN/RJ. Jornal A Reforma, Rio de Janeiro, 19 fev. 1870.

<sup>77</sup> BN/RJ. Jornal Diario do Rio de Janeiro, 19 fev. 1870.

<sup>78</sup> BN/RJ. Jornal A Reforma. Rio de Janeiro. 22 fev. 1870.

#### 4.7 A RECEPÇÃO TRIUNFAL NO RIO DE JANEIRO EM 23 DE FEVEREIRO DE 1870

Na manhã do dia 22 de fevereiro de 1870, o 17º Corpo de Voluntários chegou ao Rio de Janeiro e, após recepcionado pelo Imperador, o batalhão desembarcou e aquartelou-se em um edifício à rua Nova do Imperador em São Cristóvão.<sup>79</sup>

A cerimônia pública de recepção aos voluntários ocorreu no dia 23 de fevereiro. Embora estivesse programado para as 16h, os voluntários só desembarcaram às 18h no Arsenal da Marinha, onde os esperava uma recepção apoteótica.

No Arsenal da Marinha, foi montado um cenário que é descrito detalhadamente pelo jornal A Reforma, de 24 de fevereiro de 1870, e transcrito a seguir:

Ahi estava levantado um arco triumphal [Figura 3] em cujas fachadas lia-se esta inscripção em letras de ouro: A patria agradecida [e] A's phalanges victoriosas. Nas faces externas do arco viam-se desenhados alguns emblemas do exercito e armada. Doze columnas, erguidas em ala ao longo do mar até o ponto do desembarque precediam este monumento; oito columnas do lado oposto, prolongavam a ala até o portão do Arsenal. [...] Em cada uma das faces das columnas achava-se inscripto um nome, uma data, que recorda os triumphos do exercito e armada brasileira.<sup>80</sup>

Após os três corpos de voluntários se formarem em linha, o imperador dirigiu a palavra aos seus comandantes. O conteúdo da alocução do Imperador, naquela ocasião, foi publicado no jornal A Reforma, de 24 de fevereiro, e é transcrito a seguir:

Senhores commandantes da brigada e comandantes de batalhões de voluntarios. Aceitae este abraço, que transmittireis a vossos camaradas, em testemunho do meu jubilo ao ver-vos de volta, com tanta gloria, á nossa pátria. Queira Deus que este successo seja o feliz prenuncio da breve terminação da guerra, como tanto merecem os brasileiros por seus constantes esforços em defesa da honra nacional. Vivam os voluntarios da patria! Vivam o exercito e a armada nacionaes!<sup>81</sup>

Na saída do Arsenal, os voluntários desfilaram por entre alas de camaradas inválidos que o jornal A Reforma, de 24 de fevereiro de 1870, define como: “Tocante e sublime espectáculo! Os martyres da campanha saudando os triumphadores, e os laureados do dia victoriando os companheiros que cahiram ao seu lado esvaídos em sangue!”<sup>82</sup>

<sup>79</sup> BN/RJ. Jornal Diario do Rio de Janeiro, 23 fev. 1870.

<sup>80</sup> BN/RJ. Jornal A Reforma, Rio de Janeiro, 24 fev. 1870.

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Idem.

Figura 3 - Arco do triunfo na recepção aos 17°, 40° e 53° Corpos de Voluntários da Pátria, no Rio de Janeiro, em 23 de fevereiro de 1870.



Fonte: *Semana Illustrada*, N° 482, 1870.<sup>83</sup>

O jornal *Diario do Rio de Janeiro*, de 24 de fevereiro de 1870, descreve como ocorreu o desfile dos voluntários após deixarem o Arsenal da Marinha:

Em seguida desfilou a brigada pelas ruas designadas no programma, indo á frente dela o ajudante general e o coronel Faria Rocha, commandante da referida brigada. Os batalhões marcharam da seguinte fôrma: em columnas de pelotão, sendo o da testa o 17, o do centro o 40 e o da cauda o 53.<sup>84</sup>

Essa descrição do desfile mostra que o 17° Corpo de Voluntários marchou à frente dos demais o que permite concluir que na célebre litografia da Figura 4, que retrata a entrada triunfal dos voluntários no dia 23 de fevereiro de 1870, o pelotão que aparece seguindo os oficiais montados a cavalo é o 17° Corpo de Voluntários da Pátria e não o 23° Corpo de Voluntários da Corte (ex-Primeiro Corpo de Voluntários da Corte), conforme publicado pelo General Paulo de Queiroz Duarte<sup>85</sup>. Desfilando pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, os

<sup>83</sup> BN/RJ. *Jornal Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, n. 482, 1870.

<sup>84</sup> BN/RJ. *Jornal Diario do Rio de Janeiro*, 24 fev. 1870.

<sup>85</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981. v. 4, t. 1. p. 59.

voluntários do 17º, 40º e 53º Corpos de Voluntários da Pátria levaram o povo ao delírio. Às 22h30min, os voluntários reembarcaram para os seus quartéis.<sup>86</sup>

Figura 4 - Entrada triunfal dos Voluntários da Pátria na tarde do dia 23 de fevereiro de 1870.



ENTRADA TRIUMPHAL DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA NA TARDE DE 23 DE FEVEREIRO DE 1870

Fonte: Biblioteca Nacional.<sup>87</sup>

#### 4.8 O RETORNO A OURO PRETO CAPITAL DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS

Após o período de homenagens, o 17º Corpo de Voluntários da Pátria deixou o Rio de Janeiro, em 3 de março, e foi conduzido de trem até Juiz de Fora, de onde marchou para a capital Ouro Preto. A chegada à capital mineira foi precedida de grande expectativa, onde os voluntários eram aguardados como heróis e mártires. O jornal O Conservador de Minas, de Ouro Preto, em 19 de março de 1870, ante-véspera da chegada, descreve esse estado de coisas:

Há dias que nota-se n'esta cidade um certo bulício, uma alegria não definida, uma tristeza consolada, um não sei que de vago, inexpremível, um estado anormal. Por que? Todos vós sabeis, é que o 17º batalhão de voluntarios da patria prossegue em seu regresso glorioso em demanda dos lares patrios, á repousar apoz as fadigas adquiridas por tantas victorias.[...] Os voluntarios da província de Minas não conquistarão menos louros que seus companheiros das outras provincias: e para que desfarçar? Quem tanto soffreo como elles n'essa crua guerra? Quem lhes contestará a palma do martyrio? Quaes merecerão mais a gratidão de um povo inteiro?<sup>88</sup>

<sup>86</sup> BN/RJ. Jornal A Reforma, Rio de Janeiro, 24 fev. 1870.

<sup>87</sup> AGOSTINI, Angelo. **Entrada triumphal dos Voluntários da Pátria na tarde de 23 de fevereiro de 1870**. Rio de Janeiro, RJ: Lith. da Vida Fluminense, 1870. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1495893/icon1495893.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1495893/icon1495893.jpg)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

<sup>88</sup> BN/RJ. Jornal O Conservador de Minas, Ouro Preto, 19 mar. 1870.

O 17º Corpo de Voluntários chegou a Ouro Preto, às 10h da manhã, do dia 21 de março de 1870, completando uma longa trajetória cíclica esquematizada na Figura 5. Sobre essa trajetória, percorrida de 10 de maio de 1865 a 21 de março de 1870, Taunay demonstra sua admiração na sua obra *Cartas da Campanha*: “Nesse ponto fechará um círculo imenso, cuja circunferencia se estende pelo interior de um grande continente e de parte de um oceano. É pelo círculo que os antigos representavam a eternidade. Estes homens caminharam uma eternidade.”<sup>89</sup>

Figura 5 - Representação esquemática, em um mapa atual, da trajetória do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, da Província de Minas Gerais, durante a Guerra do Paraguai.



O jornal *O Conservador de Minas*, de 24 de março, descreve a recepção dada ao 17º Corpo de Voluntários pela cidade de Ouro Preto:

Uma salva de morteiros anunciou a chegada dos –martyres heróes – e pela estrada do funil desfilavão os bravos voluntários. Não havia uma eminencia da cidade que não estivesse occupada pelo povo, que queria saudar o parente , o amigo, o esposo, o filho, emfim o soldado da patria.[...] Desffilou o batalhão acompanhado pela onda popular que o victoriava com frenetico enthusiasmo. [...] Junto ao edificio da thesouraria provincial, adornado pelos respectivos empregados com esmero e gosto, erguia-se o primeiro arco triumphal.[...] Ao desembocar na praça principal ostentava-se ameaçando as nuvens outro arco, feito a expensas dos empregados das obras publicas. Ahi foi encontrado o batalhão dos bravos, pela primeira autoridade da provincia..., e grande numero de cidadãos grados da capital, e seguiu para a capella de S. Francisco onde forão entoados os hymnos da igreja.[...] Terminado o acto religioso voltou o batalhão a praça principal onde fez as continências do estylo

<sup>89</sup> TAUNAY, Visconde de. *Cartas da campanha*: A cordilheira – Agonia de Lopez (1869-1870). São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos, 1921. p. 117.

a primeira autoridade da província...Um lauto jantar foi offerecido aos voluntarios em seo quartel, que se achava com esmero preparado para recebe-los. A noite toda a cidade illuminou-se...[...] Uma banda de musica percorreo a cidade..., cujas janelas estavam occupadas pelas melhores familias da capital, foi de novo cantado o hymno nacional, e o dos voluntários da patria.<sup>90</sup>

No final da noite, do histórico dia 21 de março de 1870, chegou a Ouro Preto, às 23h, o correio da Corte com a notícia da morte de Solano Lopez. A população foi ao delírio, era o fim da guerra. As comemorações e homenagens aos voluntários continuaram até o dia 25 de março, quando empregados da secretaria do Governo adornaram a bandeira do 17º Corpo com uma rica coroa de louro cravada de pedras finas e de delicada execução.<sup>91</sup>

#### 4.9 O DEPÓSITO DA BANDEIRA DO 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA NA CATEDRAL DE MARIANA

No dia 26 de março, o 17º Corpo de Voluntários marchou para a vizinha cidade de Mariana a fim de depositar a sua bandeira na Catedral daquela cidade. O jornal O Conservador de Minas, de Ouro Preto, em sua edição de 31 de março de 1870, relata o que se passou na cidade de Mariana, onde os voluntários do 17º Corpo de Voluntários foram recebidos como heróis:

No dia 26 do corrente ás 10horas do dia, as girandolas, os sinos, e as bandas de musica, annunciavão á Cidade vesinha, que os voluntarios da patria entravão solemnemente em suas ruas para depositarem na Cathedral a bandeira do Batalhão. [...] Os voluntarios entrarão na Cidade pela rua nova, onde o povo os esperava. Defronte a igreja da Confraria um elegante arco do triumpho fora erguido, ao pé do qual uma banda de musica tocou o hymno nacional.[...] Ao sahirem no largo do Carmo um outro arco se erguia, ricamente adornado em cujas columnas fluctuavão as bandeiras aliadas. [...] Percorrendo a rua Direita o batalhão ...veio postar-se defronte a Sé, onde o reverendo Cabido o esperava com ricos paramentos de primeira classe. S. exc. o sr. bispo conde da Conceição avançou até as escadas do adro d'onde lançou a sua benção á aquelles guerreiros, todos talvez nascidos e educados debaixo da suave proteção de seu episcopado. Feito isso o batalhão entrou para o templo e o commandante subindo até os degrãos do solio depositou nas mãos do reverendo Arcepreste a bandeira, que foi collocada a esquerda do altar mór.[...] Era a primeira vez desde 10 de maio de 1865 que elles separavão-se d'aquelle penhor sagrado da pátria, que os havia seguido passo a passo nas longas e tormentosas jornadas da guerra. [...] Após a entrega da bandeira, succedeu-se o discurso do Arcediago dr. Joaquim Maximo da Rocha Pinto, e, finalmente, a festa religiosa encerrou-se com um Te-Deum, seguido do auto da memorável cerimonia.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> BN/RJ. Jornal O Conservador de Minas, Ouro Preto, 24 mar. 1870.

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> BN/RJ. Jornal O Conservador de Minas, Ouro Preto, 31 mar. 1870.

As solenidades prosseguiram com discursos patrióticos, homenagens, evoluções militares para o público e marcha em continência ao Bispo da Diocese, Presidente da Província e demais autoridades. Às 17h, de 26 de março de 1870, o Batalhão retornou a Ouro Preto sob vivas e aclamações, sendo este o último ato do 17º Corpo de Voluntários da Pátria.

## 5 DESTINAÇÃO FINAL DO 17º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria contava com um contingente de 494 homens ao deixar o Paraguai com destino ao Brasil. Esse total é superior aos 395 sobreviventes que chegaram a Cuiabá, em 16 de outubro de 1867. Essa diferença indica que, na volta ao Brasil, foi agregado ao 17º Corpo de Voluntários 99 outros combatentes mineiros que estavam no Paraguai. Quem eram esses combatentes adicionais? No Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, de 1875, há um demonstrativo dos pagamentos das vantagens garantidas pelo Art. 2º do Decreto Nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, aos Corpos de Voluntários da Pátria que regressaram ao Brasil no final da guerra. Consta que o pagamento aos voluntários do 17º Corpo foi efetuado na Corte, no Rio de Janeiro, totalizando 422 prêmios, portanto superior ao número de 395 sobreviventes.<sup>93</sup> Portanto, devem ter sido reintegrados ao 17º Corpo alguns de seus voluntários que haviam sido cedidos aos outros Corpos da Força Expedicionária durante a Campanha do Mato Grosso.

Por outro lado, como o número de prêmios pagos (422) é inferior ao total de 494 homens que desembarcou na Corte, como sendo do 17º Corpo, isso mostra que 72 homens desse contingente não eram voluntários, sendo, provavelmente, soldados e oficiais remanescentes do Corpo Policial de Minas, que não eram voluntários conforme o Decreto Nº 3.371, e que até então estavam vinculados ao 21º Batalhão de Infantaria<sup>94</sup>. A possível incorporação dos soldados do Corpo Policial de Minas ao 17º Corpo de Voluntários, quando do retorno ao Brasil, talvez explique porque o historiador Anatólio Alves de Assis, em sua obra *Pequena História da Guerra do Paraguai*, ao rastrear a trajetória do Corpo Policial de Minas, durante a guerra, ele perde o seu paradeiro no Paraguai, sem saber o seu destino final.<sup>95</sup> Isso deve explicar ainda porque diversos autores sobrepõem as histórias do 17º Corpo de Voluntários e do Corpo Policial de Minas, como Eponina Ruas em sua obra *Um Voluntário*

<sup>93</sup> BRASIL. Ministério da Guerra. Relatório apresentado á Assembléa Geral na Quarta Sessão da Decima-Quinta Legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra João José de Oliveira Junqueira. Rio de Janeiro: Typographia Carioca, 1875. p. 258.

<sup>94</sup> Este Batalhão permaneceu em Mato Grosso após a guerra. É o atual Batalhão Laguna do Exército, em Cuiabá.

<sup>95</sup> ASSIS, Anatólio Alves de. **Pequena História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984, passim.

*da Pátria*, na qual, ao referir-se ao 17º Corpo de Voluntários, escreve frases como:

...chegando a Ouro Preto, ao seu velho Quartel em março do mesmo ano [1870] onde chegou maltrapilho, macilento e desfalcado, mas glorioso. O Corpo Policial de Minas Gerais que seguiu sob o nome de 17º Batalhão de Voluntários da Pátria, para a Campanha do Paraguai....<sup>96</sup>

Deduz-se dos escritos de Eponina Ruas que o Corpo Policial chegou a Ouro Preto em março de 1870. Portanto, o Corpo Policial de Minas parece ter retornado a Ouro Preto junto ao 17º Corpo de Voluntários da Pátria, em março de 1870.

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria foi dissolvido no dia 1º de abril de 1870, com base no Art. 4º do Decreto 3.371. O primeiro comandante do 17º Corpo, Antônio Enéas Gustavo Galvão, recebeu o título honorífico de Barão do Rio Apa (1889), tornou-se Marechal (1893), foi Ministro da Guerra (1893-1894) do governo Floriano Peixoto e membro do Superior Tribunal Militar (1892-1895). O quarto comandante do 17º Corpo, José Maria Borges, faleceu em 1874, acidentalmente, quando trabalhava no setor privado. A Figura 6 mostra o Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão e o Major José Maria Borges.

Figura 6 – Da esquerda para a direita: Tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão e Major José Maria Borges, comandantes do 17º Corpo de Voluntários da Pátria.



Fonte: Biblioteca do Exército Editora.<sup>97</sup>

Diversos voluntários do 17º Corpo seguiram a carreira militar atingindo o oficialato do Exército, como o alferes em comissão João José da Luz que, como Marechal, participou da comemoração do 53º aniversário das mortes do Coronel Camisão e do seu imediato o Tenente-coronel Juvêncio, em 29 de maio de 1920, no Clube Militar.<sup>98</sup>

Os últimos sobreviventes do 17º Corpo morreram na década de 1930. O próprio Marechal João José da Luz morreu em 1936, no Rio de Janeiro.<sup>99</sup> O porta-bandeira do 17º Corpo de Voluntários, Tenente Joaquim José de Senna, morreu em maio de 1930, em

<sup>96</sup> RUAS, Eponina. **Um Voluntário da Pátria**. Ouro Preto:[s.n.], 1965. p. 21.

<sup>97</sup> Fotos introduzidas pela Biblioteca do Exército Editora nas páginas 116 e 118 da 16ª Edição da Retirada da Laguna, de Alfredo d'Escagnolle. 2006.

<sup>98</sup> VIANNA, Lobo. **A Epopéa da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 120.

<sup>99</sup> BN/RJ. Jornal O Radical, Rio de Janeiro, 18 fev. 1938.

Belo Horizonte.<sup>100</sup> Em 7 de julho de 1937, o jornal *A Noite* estampava a manchete: “Morreu o último sobrevivente da Retirada da Laguna”.<sup>101</sup> Tratava-se do veterano Capitão Calixto Medeiros de Andrade que dera um depoimento ao escritor Godofredo Rangel declarando-se como um dos coléricos abandonados, em 26 de maio de 1867, e que conseguira sobreviver.<sup>102</sup> Ele morreu em Estrela do Sul, Minas Gerais, onde foi enterrado com homenagens oficiais e populares. Entretanto, havia ainda mais um sobrevivente. Era o antigo alferes do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, o então General Raphael Tobias de Souza Vasconcellos, natural de Antônio Dias Abaixo, Minas Gerais.<sup>103</sup> Na inauguração do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, em 31 de dezembro de 1938, o General Raphael Tobias, com 94 anos, foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar pelo presidente Getúlio Vargas, conforme mostra a Figura 7.<sup>104</sup> Seis meses mais tarde, em 19 de junho de 1939, morreria o General Raphael Tobias, o último sobrevivente da Retirada da Laguna.<sup>105</sup>

Figura 7. Condecoração do antigo alferes do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, General Raphael Tobias, pelo Presidente Vargas tendo ao lado o Ministro da Guerra General Dutra.



Fonte: O Jornal.<sup>106</sup>

O médico militar Dr. Manoel de Aragão Gesteira, que marchou para a guerra com a Brigada Mineira, foi um dos heróis da Retirada da Laguna, tendo cuidado de feridos e coléricos do 17º Corpo de Voluntários, conforme Parte do Tenente-coronel em Comissão Antônio Enéas Gustavo Galvão, comandante do batalhão, de 28 de maio de 1867:

[...] E bem assim, não posso deixar em esquecimento o nome do distinto primeiro Cirurgião Doutor Manoel de Aragão Gesteira, que com a maior humanidade e ao lado sempre dos soldados feridos em numero de vinte e nove e, e de setenta e seis

<sup>100</sup> BN/RJ. *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, 08 mai. 1930.

<sup>101</sup> BN/RJ. *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, 07 jul. 1937.

<sup>102</sup> RANGEL, 1920 apud VIANNA, Lobo. **A Epopéa da Laguna**. Rio de Janeiro:Imprensa Militar, 1938. p. 191.

<sup>103</sup> BN/RJ. *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, 06 nov. 1938.

<sup>104</sup> BN/RJ. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01 jan. 1939.

<sup>105</sup> BN/RJ. *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1939.

<sup>106</sup> BN/RJ. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01 jan. 1939.

atacados de epidemia, deu as provas mais exuberantes de sua dedicação no curativo dos mesmos.[...].<sup>107</sup>

O Dr. Gesteira é o único componente da Brigada Mineira cujos restos mortais se encontram no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, no Rio de Janeiro. Seus restos foram exumados do cemitério da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, em 13 de Novembro de 1941, e transladados, no dia 14 do mesmo mês, para aquele monumento. A Figura 8 mostra dois momentos da cerimônia de traslado dos restos do Dr. Gesteira. À esquerda do leitor, vê-se a urna mortuária com os restos mortais do Dr. Gesteira, coberta com uma das bandeiras utilizadas no traslado dos restos mortais dos Inconfidentes da África para o Brasil, à porta do cemitério. À direita, a urna é conduzida para a entrada da Igreja, com honras militares, para a cerimônia religiosa.<sup>108</sup>

Figura 8. Cerimônia de traslado dos restos mortais do Dr. Manoel de Aragão Gesteira de Ouro Preto para o Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados.



Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência. Casa do Pilar. Ouro Preto. MG.<sup>109</sup>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O 17º Corpo de Voluntários da Pátria integrou a Força Expedicionária que marchou ao sul do Mato Grosso, então invadido pelos paraguaios, marcando a presença do Estado Brasileiro naquela região. Praticamente abandonada pelo Governo Imperial, sem apoio logístico, movimentando-se por sertões ínvios e inóspitos, enfrentando a peste, a fome e as intempéries, em um esforço sobre-humano a Força Expedicionária atingiu o rio Apa na fronteira com a República do Paraguai. No Apa, deveria ter permanecido aguardando

<sup>107</sup> GALVÃO, Antônio Enéas Gustavo. Parte Nº 30, de 28 de maio de 1867, apud VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. p. 165.

<sup>108</sup> Documentação do acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência, Casa do Pilar, Ouro Preto, MG.

<sup>109</sup> Idem.

instruções, provisões e reforços. Entretanto, a invasão do Paraguai, sem a devida preparação, pôs toda a conquista a perder com o trágico movimento retrógrado que deu origem ao célebre episódio da Retirada da Laguna. Durante a retirada, os expedicionários mostraram, finalmente, o seu valor como combatentes suportando os ataques dos inimigos em meio a adversidades e, conforme observa o Major José Tomás Gonçalves em sua Ordem do Dia de 12 de junho de 1867, conservando os canhões e bandeiras do Império.

Rememorando outras retiradas históricas, Taunay descreve a importância de uma retirada como operação de guerra nos seguintes termos:

Em todos os tempos se ha ligado vivo interesse ás retiradas, não só por serem operação de guerra tanto e mais do que nenhuma outra ardua e perigosa, mas também porque aquelles que a põe por obra, não tendo já nem entusiasmo nem esperança, entregues muitas vezes ao pezar e ao arrependimento de uma falta ou de uma sequencia de faltas, têm de pedir ao proprio animo assim preocupado meios de arcar com a fortuna que a toda hora os ameaça com os seus mais extremos rigores. Para taes conjuncturas requer-se o verdadeiro homem de guerra; nisso está o seu maior predicado, a constancia inabalavel.<sup>110</sup>

A Retirada da Laguna se insere entre as Grandes Retiradas Militares da História e foi imortalizada pela obra homônima do Visconde de Taunay. Em 1879, em Berlim, considerada na época a capital mundial do militarismo, o jornal *Militärisches Wochenblatt* comentou sobre a obra de Taunay:

E' uma anabase xenophontica, não de 10,000, mas de quatro batalhões apenas que não tinham cavallaria para apoiar o seu movimento retrogrado.[...] Muitos dos problemas ahi resolvidos nunca se apresentarão ao official europeu; todavia recommendamos a leitura desse livro a todos os militares, porque offerece um brilhante exemplo da resignação e dos recursos que podem ser aproveitados em circumstancias excepcionaes.<sup>111</sup>

Como reconhecimento ao martírio e heroísmo dos expedicionários durante a retirada, o Governo Imperial instituiu, por meio do Decreto N° 3.926, de 7 de agosto de 1867, a Medalha de Constância e Valor, para oficiais e praças da Força Expedicionária.<sup>112</sup> O significado dessa medalha é dado por Francisco Marques dos Santos em sua obra *A Guerra do Paraguay na Medalhística Brasileira*:

<sup>110</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874, p.9.

<sup>111</sup> *Militärisches Wochenblatt*, 1879 apud jornal O Novo Mundo: Periodico Illustrado do Progresso da Edade (New York, US), 1879.

<sup>112</sup> BRASIL. **Decreto nº 3.926, de 7 de agosto de 1867**. Concede o uso de uma medalha ás forças expedicionarias em operações ao sul da Provincia de Mato Grosso. Rio de Janeiro, 1867. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3926-7-agosto-1867-554158-publicacaooriginal-72606-pe.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Custou aos seus detentores sangue e dôr, miseria e peste. E' a medalha dolorosa da Campanha do Paraguay. Ao fital-a, passam-nos pela memoria paginas do livro do tenente Alfredo de Escragnolle Taunay, o futuro Visconde, com grandeza, de Taunay. Enche-nos o coração saber que a adversidade jámais enfraqueceu o patriotismo dos nossos soldados! Constancia e Valôr! Sacrificio e abnegação! Não faltaram áquelles bravos nos momentos de durissima provação!<sup>113</sup>

Toda a campanha da Força Expedicionária, e não só a Retirada da Laguna, foi gloriosa pelos exemplos de obstinação, resignação e superação em situações excepcionais; mas foi também desastrosa, militarmente, pelos sucessivos erros de comandos, que são apontados com muita cautela e sutileza por Taunay em suas obras. O melhor juízo crítico da Campanha da Força Expedicionária talvez possa ser expresso pela frase do Coronel Joaquim de Salles Torres Homem:

Não ha duvida que semelhantes expedições constituem assumptos dignos da epopéa, mas não podem ter igualmente a sancção da Arte Militar, que impõe como condições preliminares a todo plano de operações um objetivo realizável, e o emprego dos meios adequados.<sup>114</sup>

A participação do 17º Corpo de Voluntários da Pátria na epopéia da Campanha do Mato Grosso, que culminou com o episódio da Retirada da Laguna, durou 889 dias, desde a partida de Ouro Preto, em 10 de maio de 1865, até a chegada em Cuiabá, em 16 de outubro de 1867. A importância histórica desse Corpo de Voluntários, que permaneceu mobilizado até o final da guerra, pode ser resumida pelo trecho do discurso proferido pelo escritor mineiro Mário de Lima, em 29 de agosto de 1926, em cerimônia alusiva à Bandeira deste Batalhão:

O itinerario do Batalhão 17 constitue a mais brilhante fé de officio. Delle se verifica que os voluntários mineiros, após a retirada da Laguna, ainda foram prestar serviços na zona platina, de onde só regressaram quando, pela fuga do dictador paraguay, a campanha estava virtualmente terminada. Mas a Bandeira do 17, quando foi para o sul, já estava saturada de gloria. A Campanha de Matto-Grosso foi que immortalizou os voluntarios de Minas. A retirada, nas condições em que foi feita, marca o auge da bravura e do martyrio.<sup>115</sup>

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Angelo. **Entrada triumphal dos Voluntários da Pátria na tarde de 23 de fevereiro de 1870**. Rio de Janeiro, RJ: Lith. da Vida Fluminense, 1870. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon14958\\_93/icon1495893.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon14958_93/icon1495893.jpg)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

<sup>113</sup> SANTOS, Francisco Marques dos. **A Guerra do Paraguay na Medalhística Brasileira**. São Paulo: Typ. Siqueira, 1937. p. 39.

<sup>114</sup> HOMEM, Joaquim de Salles Torres. **Annaes das Guerras do Brazil com os Estados do Prata e Paraguay**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911. p. 259.

<sup>115</sup> LIMA, Mário de. **Minas e a Guerra do Paraguay**: Homenagem à Bandeira do 17º Batalhão de Voluntários. Bello Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1926. p. 19.

ASSIS, Anatólio Alves de. **Pequena História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984. 274 p.

BRASIL. Relatórios do Ministério da Guerra (1867 - 1875)

CARVALHO, Teophilo Feu de. **A Força Pública Policial de Minas Gerais 1831-1890**. Belo Horizonte: Polícia Militar de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro: Fundação João Pinheiro, 2014. 296 p.

DUARTE, João Raimundo. **Recordações mineiras**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1917.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas Léguas a Pé**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999. 202 p.

HOMEM, Joaquim de Salles Torres. **Annaes das Guerras do Brazil com os Estados do Prata e Paraguay**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1911. 310 p.

JOURDAN, Emilio Carlos. **Historia das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay**: Brazil, 1864 -1870. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. 219 p.

LIMA, Mário de. **Minas e a Guerra do Paraguay**: Homenagem à Bandeira do 17º Batalhão de Voluntários. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado. 1926. 49 p.

MINAS GERAIS. Relatórios Provinciais (1865 - 1870).

RUAS, Eponina. **Um Voluntário da Pátria**. Ouro Preto:[s.n.], 1965. 64 p.

SANTOS, Francisco Marques dos. **A Guerra do Paraguay na Medalhística Brasileira**. São Paulo: Typ. Siqueira, 1937. 93 p.

SOUZA, Luiz de Castro. A medicina na Guerra do Paraguai (III): Mato Grosso. **Revista de História**, São Paulo, v. 40, n. 81, p. 117, jan./mar. 1970.

\_\_\_\_\_. A medicina na Guerra do Paraguai (V): Mato Grosso. **Revista de História**, São Paulo, v. 42, n. 85, p. 136-138, jan./mar. 1971.

TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. 226 p.

\_\_\_\_\_. **Cartas da campanha**: A cordilheira – Agonia de Lopez (1869-1870). São Paulo: Melhoramentos, 1921. 199 p.

\_\_\_\_\_. **Narrativas Militares**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878. 270 p.

\_\_\_\_\_. **Dias de Guerra e de Sertão**. São Paulo: Revista do Brasil. 1920. 189 p.

\_\_\_\_\_. **Diário do Exército**: De Campo Grande a Aquidaban. São Paulo: Melhoramentos, 1926. 221 p.

VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. 195 p.